



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

RAQUEL SANTOS MOURÃO

IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO ENSINO FUNDAMENTAL

CAJAZEIRAS/PB

2023

RAQUEL SANTOS MOURÃO

IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO ENSINO FUNDAMENTAL

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande, *Campus* Cajazeiras, como requisito parcial para obtenção do título de licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Dr. José Romulo Feitosa Nogueira

CAJAZEIRAS/PB

2023

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

M931i Mourão, Raquel Santos
Importância da afetividade no ensino fundamental / Raquel Santos
Mourão / - Cajazeiras, 2023.
49f.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. José Rômulo Feitosa.
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) UFCG/CFP, 2023.

1.Afetividade docente - ambiente escolar. 2.Escolas municipais de
Cajazeiras-Paraíba. 3.Ensino fundamental. 4.Problemas de aprendizagem.
5.Ambiente escolar. 6.Relação professor-aluno. I. Feitosa, José Rômulo.
II. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU – 37.064.2

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

RAQUEL SANTOS MOURÃO

IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO ENSINO FUNDAMENTAL

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande como requisito parcial para obtenção do título de licenciatura em Pedagogia

Orientador: Dr. José Romulo Feitosa Nogueira

Aprovado em: 16/06/2023

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. José Rômulo Feitosa Nogueira.
Orientador – UFCG/CFP/UACEN



Prof. Dr. Wiana de Jesus Freitas Lopes.
Membro Titular - UFCG/CFP/UAE



Profª. Dra. Hercília Maria Fernandes.
Membro Titular – UFCG/CFP/UAE



Profª. Dra. Maria de Lourdes Campos.
Membro Suplente – UFCG/CFP/UAE

Dedico este trabalho ao meu pai (*in memoriam*) que foi meu maior incentivador. À minha mãe, minha irmã, aos meus amigos e a todos que foram meus professores.

RESUMO

Esta pesquisa tem como tema a “afetividade relacionada ao ambiente escolar”. A afetividade é uma dimensão que vem sendo cada vez mais discutida e colocada em prática por professores que consideram que ela pode favorecer positivamente à aprendizagem dos alunos e às relações na sala de aula do ambiente escolar. Tem como objetivo geral compreender como a afetividade docente contribui para identificar, encaminhar e solucionar problemas de aprendizagem em alunos do ensino fundamental. Para alcançar esse objetivo, foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa, do tipo exploratória, na qual os dados foram analisados a partir da técnica de Análise de Conteúdo. Como instrumento de coleta de dados, foi elaborado um questionário, contendo questões sociodemográficas que possibilitaram conhecer o perfil dos participantes e cinco questões abertas para conhecer as ideias que os educadores possuem sobre o tema. Participaram da pesquisa dez professores de três escolas da rede municipal da cidade de Cajazeiras-PB que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental. O referencial teórico está fundamentado em autores como Wallon (2008); Antunes (2008); Dantas (1992) Vygotsky (1998); Barbosa (2020); Freire (1996), dentre outros. A partir da análise de dados, o que se pode constatar é que a opinião dos professores em relação à afetividade é que ela é uma dimensão muito importante para a aprendizagem, pois a partir dos sentimentos afetivos, é possível estabelecer uma conexão mais próxima entre professor e aluno, o que pode vir facilitar a identificação de problemas de aprendizagem, a afetividade também pode desenvolver no aluno sentimentos de segurança e autonomia e possibilita a criação de metodologias adequadas e mais prazerosas.

Palavras-Chave: Afetividade; Ambiente Escolar; Problemas de Aprendizagem.

ABSTRACT

This research focuses on "affection related to the school environment". Affection is a dimension that has been increasingly discussed and implemented by teachers who believe that it can positively influence students' learning and relationships in the classroom within the school environment. The general objective is to understand how teacher affection contributes to identifying, addressing, and solving learning problems in elementary school students. To achieve this goal, qualitative exploratory research was conducted, in which data were analyzed using the analysis technique. A questionnaire was developed as the data collection instrument, containing sociodemographic questions to understand the participants' profiles and five open-ended questions to explore educators' ideas about the topic. Ten teachers from three municipal schools in the city of Cajazeiras-PB, working in the early years of elementary education, participated in the research. The theoretical framework is based on authors such as Wallon (2008), Antunes (2008), Dantas (1992), Vygotsky (1998), Barbosa (2020), Freire (1996), among others. From the data analysis, it can be observed that teachers' opinion regarding affection is that it is a crucial dimension for learning. Through emotional feelings, a closer connection can be established between the teacher and the student, which can facilitate the identification of learning problems. Affection can also develop feelings of security and autonomy in students, and enable the creation of appropriate and more enjoyable methodologies.

Keywords: Affection; School Environment; Learning Problems.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 EDUCAÇÃO E AFETIVIDADE.....	10
2.1 Conceituando a Afetividade.....	10
2.2 A Psicogênese da Pessoa Completa de Henri Wallon	11
2.3 Diferenciação entre Distúrbios e Problemas de Aprendizagem	13
2.4 Contribuições da Afetividade Para a Relação Professor-Aluno e Para a Aprendizagem	16
3 METODOLOGIA	22
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	25
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS.....	34
ANEXOS	37
APÊNDICE	43

1 INTRODUÇÃO

A afetividade na área da educação vem sendo um assunto cada vez mais discutido por teóricos e educadores, pois considera-se que essa dimensão, quando compreendida e trabalhada de forma adequada, pode trazer contribuições bastante positivas e significativas nas relações entre docentes e discentes e nos processos de ensino-aprendizagem.

O gosto pelo tema afetividade foi se desenvolvendo à medida que o assunto foi sendo abordado durante todo o período de estudos no curso de Pedagogia, mas a escolha só foi de fato definida após a solicitação de um professor para os discentes assistirem ao filme “Como Estrelas na Terra”, que conta a história de uma criança que tem dislexia e por este motivo possuía muitas dificuldades para aprender, além de ser incompreendido e constantemente sofrer bullying, até a chegada de um professor de artes que começa a ensinar na turma do garoto e que através de um olhar mais afetivo identifica o distúrbio sofrido pela criança e começa a trabalhar com esse aluno dando apoio e ensino de maneira adequada ao seu problema para que ele pudesse se desenvolver melhor em sua aprendizagem.

O filme causou interesse em compreender melhor o que significa afetividade no contexto do ambiente escolar e de que forma o olhar afetivo, por parte do docente, poderia ajudar a identificar se o aluno era acometido por algum problema de aprendizagem, seja ele causado por alguma dificuldade ou distúrbio e de que forma esse docente deveria atuar para ajudar o aluno a superar tal problema, através do acolhimento e de uma aprendizagem mais prazerosa, foi definido “importância da afetividade no Ensino Fundamental” como título desse trabalho.

Como objetivo geral este trabalho buscou compreender como a afetividade docente contribui para identificar, encaminhar e solucionar problemas de aprendizagem em alunos do ensino fundamental, e para alcançar esse objetivo geral, foram pensados os seguintes objetivos específicos: Conhecer qual o conceito de afetividade dos sujeitos especificamente na relação professor-aluno; Identificar se o sujeito, a partir de um olhar afetivo, já passou pela experiência de perceber no aluno algum problema de aprendizagem; Analisar se os sujeitos consideram que a afetividade do docente para com os alunos é um fator fundamental para identificação de problemas de aprendizagem.

O referencial teórico está embasado nas ideias de teóricos como Wallon (2008), Vygotsky (1998) e Freire (1996), dentre outros, apresentando no primeiro capítulo a introdução que faz uma breve apresentação do trabalho.

O segundo capítulo educação e afetividade, voltado para a fundamentação teórica, está organizado em quatro subtópicos dispostos assim: Primeiro: Conceituando a afetividade, segundo: A Psicogênese da Pessoa Completa de Henri Wallon, terceiro: Diferenciação Entre Distúrbios e Problemas de Aprendizagem, quarto: Contribuições da Afetividade Para a Relação Professor-Aluno e Para a Aprendizagem.

O terceiro capítulo refere-se à Metodologia. Nele, está descrito todo o percurso e instrumento escolhido para a realização da coleta de dados e também a análise de conteúdo da pesquisa que é de caráter exploratório, entre outras características do trabalho.

Os resultados e discussões desta pesquisa estão expostos no quarto capítulo, no qual as respostas obtidas com o questionário foram associadas ao que traz os autores utilizados no referencial teórico.

No quinto e último capítulo, destinado às considerações finais apresenta-se as inferências de que a afetividade é considerada, pelos professores, como importante no processo de ensino-aprendizagem, que reúne atitudes que vem facilitar a convivência entre docente e discente e a aprendizagem do educando. Ainda mostrou que as experiências dos professores com alunos que possuem algum problema de aprendizagem é algo frequente e que a partir de um olhar afetivo o professor possibilita condições de superação de dificuldades ou distúrbios de aprendizagem.

2 EDUCAÇÃO E AFETIVIDADE

2.1 Conceituando a Afetividade

De forma geral, quando se fala em afetividade é comum que se pense em amor e carinho, mas, de acordo com Wallon (2008), afetividade consiste na capacidade que o humano possui de ser afetado de forma positiva ou negativa por algo. Wallon ainda apresenta contribuições de uma conceituação diferenciada do que é emoção, sentimento e paixão, no qual estes, de acordo com o autor, compõem o domínio funcional da afetividade que seria então mais abrangente.

No que diz respeito ao sentimento e à paixão, Wallon não traz tantas informações quanto como em relação à emoção. Para Almeida e Mahoney (2007), o sentimento seria apenas representação da afetividade e a Paixão um autocontrole como domínio das situações. Quanto à emoção, ALMEIDA (2008, p. 349) aborda que "[...] a emoção é uma forma de exteriorização da afetividade que evolui como as demais manifestações, sob o impacto das condições sociais". Ou seja, a afetividade pode ser evidenciada através das emoções demonstradas pelo indivíduo. Sendo assim, é a mais visível das expressões afetivas. Quanto ao sentimento e à paixão, se desenvolveriam posteriormente à emoção quando as representações mentais começam a surgir.

Ainda no que tange à emoção, “são sempre acompanhadas de alterações orgânicas como aceleração dos batimentos cardíacos, mudanças no ritmo da respiração, dificuldades na digestão, secura na boca” (GALVÃO 2014, p. 61). Sendo assim, a emoção se diferencia das demais manifestações da afetividade. Galvão (2014) ressalta, também, que a medida que vai se desenvolvendo a afetividade, essa passa a se tornar independente de fatores corporais, pois através da fala e da representação mental, a afetividade pode apresentar variações de forma abstrata. Ou seja, ocorrentes em forma de ideias, e, assim, podem ser expressadas através de palavras.

A afetividade é então um conceito amplo que vai desenvolvendo-se, caracterizando-se “[...] além de envolver um componente orgânico, corporal, motor e plástico, que é a emoção, apresenta também um componente cognitivo, representacional, que são os sentimentos e a paixão” (DÉR, 2004, p. 61). Desse modo, percebe-se que o primeiro componente da afetividade é orgânico por se tratar de uma particularidade interior ao ser humano, já o segundo é cognitivo devido a fatores exteriores e pessoas.

Assim, para que haja práticas de ensino adequadas e que permitam alcançar os objetivos esperados em relação à educação escolar, é necessário compreender o papel da emoção e da

afetividade para que se pense as melhores formas de conduzir o ensino e as situações na sala de aula, como afirma Almeida (1999):

A escola e, principalmente, o adulto precisam conhecer o modo de funcionamento da emoção para aprender a lidar adequadamente com suas expressões. O professor deve permitir que a emoção se exprima, para o que é essencial entender como ela funciona para não entrar no circuito perverso, e, assim, dificultar o desenvolvimento emocional da criança (ALMEIDA 1999, p. 102)

Dessa forma, o conhecimento sobre a emoção permite ao professor respeitar o momento do aluno de expressar suas emoções naturalmente. Nesse momento, esse conhecimento vai facilitar também a ação do professor na condução da situação, no intuito de criar um ambiente harmonioso.

Outro conceito sobre afetividade, apresentado por Antunes (2008, p. 1), vem apresentar essa dimensão como o cuidado, assim ele explica:

[..] a origem biológica da afetividade, como se percebe, destaca a significação do “cuidar”. O amor entre humanos surgiu porque sua fragilidade inspirava e requeria cuidados e a forma como esse cuidar se manifesta é sempre acompanhada da impressão de dor ou prazer, agrado ou desagrado, alegria e tristeza. Percebe-se, portanto, que afetividade é uma dinâmica relacional que se inicia a partir do momento em que um sujeito se liga a outro por amor e essa ligação embute um outro sentimento não menos complexo e profundo. A afetividade, ao longo da história, está relacionada com a preocupação e o bem-estar do outro; a solidariedade não apareceu na história humana como sentimento altruísta, mas como mecanismo fundamental de sua sobrevivência.

É possível perceber com a definição de Antunes que, em muitos aspectos, o seu pensamento é semelhante ao de Wallon. Nessa perspectiva, ressalta-se a capacidade do ser humano em ser afetado pelo outro e pelas situações, como é o caso do bebê que demonstra fragilidade e necessidades de cuidado. Por sua vez, o adulto é afetado desenvolvendo seus sentimentos de cuidado para com o bebê. Assim, pode-se compreender a afetividade como algo naturalmente biológico e também como algo social, uma vez que a afetividade se desenvolve também nas relações entre os seres humanos.

2.2 A Psicogênese da Pessoa Completa de Henri Wallon

Na psicogênese da pessoa completa, Wallon trabalha a origem do desenvolvimento dos processos psíquicos, baseando-se na ideia de que se deve compreender e trabalhar com a criança de forma a não fragmentá-la, ou seja, trabalhar a pessoa de forma holística: afetivo, cognitivo e motor, de modo que um não se sobressai sobre o outro. Nessa compreensão do humano, em

sua integralidade, a qual Wallon se refere como campos funcionais, considera ser a observação o melhor método de pesquisa para a realização da análise genética, como explica Galvão (2014):

A observação permite o acesso à atividade da criança em seus contextos, condição para que se compreenda o real significado de cada uma de suas manifestações: só podemos entender as atitudes da criança se entendermos a trama do ambiente no qual está inserida (GALVÃO, 2014, p. 36).

Ou seja, para compreender melhor a criança, é necessário ter conhecimentos sobre o ambiente do qual ela vem, já que, como explica Wallon (apud BEZERRA 1982, p. 189), “o estudo da criança exigiria o estudo do/ou dos meios onde ela se desenvolve. É impossível de outra forma determinar exatamente o que é devido a esta e o que pertence ao seu desenvolvimento espontâneo”, isso se dá ao fato de que a criança sofre interferências do local em que convive.

Com isso, de acordo com Wallon (2014) o humano é um ser orgânico ao mesmo tempo que social, não dá para separar. Dantas (1992) afirma que "o ser humano é organicamente social e sua estrutura orgânica supõe a intervenção da cultura para se atualizar". Isso quer dizer que o humano tem sua formação genética da inteligência partindo de sua própria natureza, como também constrói-se em sua interação com o meio social, uma vez que a sociedade faz intervenções no desenvolvimento psíquico infantil, já que por muito tempo as crianças dependem dos adultos.

Sobre a infância, Wallon vê o desenvolvimento de forma progressiva, onde há alternância das predominâncias afetiva e cognitiva. Assim ele definiu cinco etapas do desenvolvimento, sendo elas: impulsivo-emocional, sensório motor e projetivo, personalismo, estágio categorial e adolescência.

No estágio *Impulsivo-Emocional*, que abrange o primeiro ano da vida infantil, como o próprio nome sugere, é a emoção que está em ênfase, sendo através dela que a criança interage. Aqui há a predominância da afetividade.

No segundo estágio, chamado de *Sensório Motor*, ocorrente até os três anos de idade quando a criança já consegue manipular melhor os objetos, como também explorar os espaços, o interesse da criança está na exploração sensório-motora do espaço físico. Aqui há a predominância do cognitivo.

No estágio denominado *Personalismo* ocorrente entre os três e seis anos é onde acontece a formação da personalidade e a construção da consciência de si. Nesse estágio, a afetividade volta a ser predominante.

No quarto estágio, *Categorial*, ocorrendo dos seis aos onze anos, os interesses da criança voltam-se para as coisas, conhecimento e conquista do mundo externo. Aqui há predomínio cognitivo.

O quinto estágio, o da *Adolescência*, ocorre dos onze anos em diante, marcado pela puberdade, que é a transição da infância para a fase adulta, ocorrem uma série de mudanças tanto corporais como de personalidade, manifestando questões pessoais, morais e existenciais. Aqui há predominância da afetividade. (GALVÃO, 2014).

De acordo com Galvão (2014), a psicogenética de Wallon não caracteriza esse desenvolvimento de forma linear. Ou seja, o ritmo no qual as etapas vão acontecendo é marcado por rupturas, retrocessos e reviravoltas. Assim, ressalta que, “para Wallon, a passagem de um a outro estágio não é uma simples ampliação, mas uma reformulação.” (GALVÃO, 2014, p. 41). Vale ressaltar, também, que a predominância de um aspecto em determinada fase não significa que este não estará presente em outros.

É possível ver através da Psicogênese da Pessoa Completa que Wallon considera ser a afetividade uma das dimensões mais antigas do desenvolvimento humano e que, ao deixar de ser puramente orgânico, passa a ser afetivo e da afetividade lentamente torna-se racional. Nesse processo de desenvolvimento a afetividade e inteligência, misturam-se e são recíprocas, uma vez que, segundo Dantas (1992) um domínio depende do outro para evoluir.

2.3 Diferenciação entre Distúrbios e Problemas de Aprendizagem

Aprender é um processo contínuo e sobre a aprendizagem, Gómez e Terán (2009, p.31), em que “[...] supõe uma construção que ocorre por meio de um processo mental que implica na aquisição de um conhecimento novo”. Ou seja, o indivíduo aprende quando adquire um conhecimento que não possuía o que muitas vezes envolve também relações com o meio, além da cognição.

Na infância, o desejo e a curiosidade para aprender é algo natural, por esse motivo, de acordo com Cancian e Malacarne (20, p. 3): “[...] quando este interesse parece não existir e a criança encontra-se desmotivada, ou executada as atividades de modo falho, sem êxito, isso pode ser um sinal de que algo não está bem”. Neste caso, o professor precisa desempenhar a

importante função de observar de forma minuciosa os alunos e a forma como estão sendo realizadas as atividades, e caso perceba que algo não está ocorrendo dentro do esperado, o docente, primeiramente, através de um diálogo com o estudante, pode tentar compreender o que se passa com ele.

A escola, sendo o ambiente que a criança frequenta para adquirir conhecimentos, está sob o acompanhamento do professor, é comum que, nesse ambiente problemas de aprendizagem, como dificuldades ou transtornos, possam ser percebidos com mais facilidade, uma vez que a divisão escolar busca agrupar as crianças pela faixa etária e o ensino adequado para a idade de acordo com cada série. Mas para que a identificação do problema possa acontecer e o aluno possa ter ajuda de forma adequada, é necessário que o professor tenha conhecimento do que são cada tipos de problemas de aprendizagem, pois assim ele será mais consciente em relação a que atitudes precisará tomar para ajudar o aluno.

Nesse sentido, é importante ressaltar que Dificuldade de Aprendizagem e Transtorno de Aprendizagem são termos que se diferenciam, assim esses problemas de aprendizagem podem ser causados tanto por fatores intrínsecos como por fatores extrínsecos, como afirma Osti (2012):

As dificuldades de aprendizagem abrangem vários fatores, uma vez que envolvem a complexidade do ser humano. Acredita-se que podem ser decorrentes de um problema fisiológico, um estresse grande vivido pela criança, como, por exemplo, problemas familiares envolvendo a perda de algum parente, problemas com alcoolismo ou drogas, separação dos pais, doenças, falta de alimentação, falta de material e estímulos, tédio na sala de aula, baixa autoestima, problemas patológicos como TDH (transtorno de déficit de atenção/ hiperatividade), dislexias, psicopatias, alterações no desenvolvimento cerebral, desequilíbrios químicos, hereditariedade, problemas no ambiente doméstico e/ou escolar (OSTI 2012, p. 47 apud PEREIRA et al).

Percebe-se, neste caso, como explica Braga (2018), no canal do youtube Desenvolvimento Saudável, que as dificuldades de aprendizagem seriam então causadas por fatores externos à criança, provenientes de alguma situação da qual a criança passa no meio em que ela convive. Quanto aos transtornos de aprendizagem, estes têm causa quando algo não funciona como deveria no sistema neurológico da criança, sendo algo intrínseco do desenvolvimento da criança.

Dentre os transtornos de aprendizagem mais comuns estão, de acordo com o site Educa Mais Brasil (2019), a Dislexia que tem como característica dificuldades para ler e escrever, a Discalculia que é a dificuldade relacionada às questões matemáticas (regras, conceitos e

operações matemáticas), e o TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade), doença crônica que tem sintomas como a falta de atenção, inquietação, impulsividade, entre outros.

É importante que o professor possua conhecimentos em relação aos transtornos de aprendizagem, quais são eles, quais as características mais comuns de cada um e a partir de um olhar afetivo, ou seja, um olhar atento, preocupado com a aprendizagem da criança, possa identificar que ela está enfrentando algum problema que a impede de aprender. Ainda considera-se importante a comunicação aos demais componentes da escola, aos pais e até mesmo a profissionais especializados, se for o caso, ao detectar problemas de aprendizagem, para que assim, juntos, possam trabalhar em benefício da aprendizagem do aluno.

Nessa perspectiva, compreender e saber diferenciar o que são dificuldades do que são transtornos, pode fazer com que o professor, além de conseguir ajudar de forma significativa o aluno, também não cometa o erro de julgar de forma errada e antecipada, e para isso o diagnóstico torna-se necessário, assim como explica Osti (2012), que este:

[...] deve ser feito por uma equipe interdisciplinar envolvendo o médico da criança, um pedagogo, psicólogo, psicopedagogo, terapeuta, envolvendo também o professor e a família. Somente através de uma anamnese realizada com a família da criança, caracterizando a queixa apresentada pelo professor, fazendo um exame clínico que procure investigar possíveis disfunções neurológicas no sistema nervoso central, uma avaliação psicopedagógica que identifique o nível e as condições de aprendizagem dessa criança e de um exame psicológico objetivando analisar características pessoais, patologias, é que será possível ter a certeza e comprovar uma dificuldade de aprendizagem ou um distúrbio de aprendizagem (OSTI, 2012, p. 56

Com um diagnóstico, é possível pensar metodologias mais adequadas para atender o aluno, e como citado anteriormente, evita julgamentos que possam ser ofensivos ao aluno e até mesmo tornar a situação mais agravante, como explica Pereira *et al* (2021, p. 6) ao abordar que:

[...] é necessário que o professor crie condições para que a aprendizagem desse aluno com dificuldades seja facilitada, já que muitas vezes estes passam a serem rotulados, o que provoca outros problemas como discriminação e evasão, todavia, o docente também necessita de formações adequadas, voltadas para o atendimento da diversidade.

É importante que os profissionais da educação possuam conhecimentos sobre o assunto, que podem ser adquiridos através de uma formação adequada sobre o tema ou até mesmo realização de leituras, ouvir palestras ou outros meios que possibilitem conhecer as

especificações dos problemas de aprendizagem, para que a falta desse conhecimento não traga algum prejuízo à vida escolar do aluno.

O estabelecimento de conexões mais próximas, entre os atuantes da sala de aula, pode trazer muitos benefícios, como sugere Cavalcante (2005, p. 54): “o modo como os professores enxergam a criança é essencial para o sucesso da aprendizagem. Quando não julgam e procuram se aproximar do aluno, acreditam nele, observam seu comportamento e incentivam suas capacidades, ele tem tudo para crescer”. Como pode se ver, o olhar afetivo e a compreensão do professor numa situação como esta de dificuldades ou distúrbios para o aluno, é algo importante, pois contribui na desenvoltura de seu aprendiz.

Apesar de o aluno poder apresentar problemas para aprender, como afirma Tardif (2002, p. 16) “o saber não se reduz, exclusiva ou principalmente, a processos mentais, cujo suporte é a atividade cognitiva dos indivíduos, mas é também um saber social que se manifesta nas relações complexas entre professores e alunos”. Ou seja, as relações sócias entre quem ensina e quem aprende também é um fator importante no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que essa relação pode influenciar de forma positiva, quando estimula o aluno, por exemplo, ou de forma negativa, quando causa sentimentos de insatisfação nesse processo. Nesse processo também, é importante que o docente da turma na qual o aluno faz parte seja orientado a ser compreensível com suas dificuldades para aprender, e que possam também fazer colaborar ao desenvolvimento deste. Portanto, a socialização entre os alunos na sala de aula é fundamental.

Nessa identificação de dificuldades ou transtornos de aprendizagem do aluno a afetividade torna-se algo que pode facilitar o reconhecimento desses problemas. Considera-se que, a partir da afetividade, o professor estaria mais envolvido e preocupado com a aprendizagem do aluno, buscando formas de inovar seu ensino e adequar melhor as atividades de acordo com os problemas que o aluno apresentasse.

2.4 Contribuições da Afetividade Para a Relação Professor-Aluno e Para a Aprendizagem

No decorrer da história da educação, teóricos buscaram compreender a questão da afetividade no ambiente escolar, especificamente, a afetividade na relação professor-aluno e como esta pode vir a contribuir para nos processos de ensino e aprendizagem. Sendo a escola a instituição de ensino que possibilita o acesso aos conhecimentos científicos, relacionados à linguagem e à escrita, conhecimentos matemáticos, históricos, sobre a natureza, entre outros, o

professor desempenha um papel de fundamental importância na mediação desses conhecimentos.

Além de ser um ambiente propício aos conhecimentos, explicam Mahoney e Almeida (2005, p. 2) que a escola também “[...] é um meio fundamental para o desenvolvimento do professor e do aluno, ao dar oportunidades de participação em diferentes grupos; nesse meio, professor e aluno são afetados um pelo outro, e, ambos, pelo contexto onde estão inseridos”. Pode-se ver que é, nesse ambiente, que a convivência entre professor e aluno acontece e as suas experiências e conhecimentos vão se construindo a partir da interferência tanto do professor para o aluno, como do aluno para o professor, assim a forma como se relacionam e o sentimento que causam um no outro, podem vir a interferir no ensino-aprendizagem.

Os encontros diários na sala de aula, assim como em outros ambientes e relações sociais, possibilitam a vivência das mais variadas situações, uma vez que os sujeitos ali presentes possuem sentimentos e modos de pensar diferentes, junto a isso as emoções também se apresentam, como enfatiza Almeida (2005, p. 103):

Como em qualquer outro meio social, existem diferenças, conflitos e situações que provocam os mais variados tipos de emoção. E, como é impossível viver num mundo sem emoções, ao professor cabe administrá-las, coordená-las. É imprescindível uma atitude corticalizada, isto é, racional, para poder interagir com os alunos, buscando descobrir seus motivos e compreendê-los. O professor deve procurar utilizar as emoções como fonte de energia e, quando possível, as expressões emocionais dos alunos como facilitadores do conhecimento. É necessário encarar o afetivo como parte do processo de conhecimento, já que ambos são inseparáveis.

Em ocasiões como estas em que o aluno expressa suas emoções, lembrando que estas podem ser reações de satisfação ou insatisfação, o diálogo é essencial, principalmente no segundo caso, uma vez que através da comunicação com o aluno o professor poderá compreender melhor os sentimentos deste, e para que esse diálogo aconteça de forma efetiva, possuir conhecimento sobre as emoções e agir racionalmente vai permitir que o docente conduza melhor a situação. Esse conhecimento em relação às emoções também pode auxiliar o professor na utilização dessas emoções como algo facilitador do processo de aquisição do conhecimento, já que o afeto e o processo de conhecimento permanecem sempre juntos.

Um ambiente harmônico, ou seja, onde não há alterações emocionais negativas e a união entre os presentes acontece de forma satisfatória, possibilita mais facilmente a construção da aprendizagem e o desenvolvimento das próprias situações práticas de ensino-aprendizagem.

Mas cabe ressaltar que este não é o único aspecto que deve ser levado em consideração, uma vez que vários outros fatores fazem parte desse processo, assim o ato de ensinar vai depender para além de um ambiente propício, como explica Alves (2022, n.p) ao afirmar que:

Existem quatro elementos fundamentais para o ato de ensinar: o processo, a matéria, o aluno e o professor, sendo esse último o fator decisivo na aprendizagem, levando em conta a influência que exerce sobre a classe para ministrar as aulas. O professor tem que estar sempre aberto às novas experiências, aos sentimentos e aos problemas de seus alunos. É claro que a responsabilidade da aprendizagem está ligada ao aluno, mas essa deve ser facilitada pelo professor levando o aluno à autorrealização.

Neste sentido, nota-se que o ato de ensinar inclui alguns elementos que necessitam ser compreendidos e levados em consideração, sendo assim, vai um pouco mais além da apresentação dos conhecimentos. Apesar da responsabilidade da aprendizagem ser do aluno, o professor possui um importante papel para que essa aprendizagem seja adquirida, pois considera-se que através de sua metodologia, dos recursos que utiliza, sua atenção para com o aluno, do seu posicionamento e modo como se comunica, o educador pode possibilitar que esse aprendizado seja para o aluno um processo mais fácil e prazeroso.

Todo esse processo no ato de ensinar pode aproximar os componentes da sala de aula, criando laços entre eles, como explica Antunes (2007, p.12, Apud SILVA, 2013) ao dizer que “os laços entre alunos e professores se estreitam e, na imensa proximidade desse imprescindível afeto, tornou-se importante descobrir ações, estratégias, procedimentos sistêmicos e reflexões integradoras que estabeleça vínculos”. Esse vínculo seria iniciado antes pelo professor, que é o sujeito mediador e orientador das situações que ocorrem na sala de aula, assim o docente deve considerar estar aberto a novas experiências e buscar métodos diferenciados para ensinar, estimulando o aluno a desenvolver interesse pelos estudos e assim criando vínculo entre eles.

O professor deveria considerar ainda que o aluno é, de acordo com Vygotsky (1998), um ser que desempenha papel ativo nas interações. Por isso, considera-se importante que o docente, ao dialogar com o aluno, esteja aberto a ouvir e levar em consideração as suas ideias e sentimentos, o que demonstra acolhimento, bem como através da escuta é possível conhecer melhor o aluno:

Ter em vista a percepção e o juízo de nossos alunos nos permitiria entrar melhor no mundo deles. A opinião deles não é nossa norma; contudo, devolver para eles de maneira um pouco organizada a visão que tem do bom professor ou do professor desejado pode ser uma boa oportunidade para a reflexão deles e a nossa. Podemos encontrar aqui uma ocasião de comunicação significativa

como nossos alunos, ao nos dizer como deveríamos ser, nos comunicar suas próprias necessidades tal como eles as vivem (MORALES, 1998, p. 35 apud MEDEIROS, 2017, p. 1170).

Ainda considera-se o entendimento e disposição do professor a ter um olhar mais atencioso para com o aluno buscando conhecer sua realidade para além dos muros da escola, como aborda Oliveira ([2012], p. [3]) que “[...] conhecer o aluno faz parte do papel desempenhado pelo professor pelo fato de que ele necessita saber o que ensinar, para que e para quem, ou seja, como o aluno vai utilizar o que aprendeu na escola em sua prática social”. Isso implica a aproximação com a família do discente, conhecer quais recursos fazem parte da sua realidade que possa vir a trazer contribuições para sua aprendizagem, conhecer melhor suas dificuldades, dentre outros aspectos, onde tais informações podem ser obtidas através de observações, do diálogo, vão aproximar mais o professor da realidade do aluno e possibilitá-lo pensar e buscar maneiras de desenvolver melhor seu trabalho. E considera-se que o professor precisa gostar do trabalho que realiza, pois o gosto pela profissão o impulsiona a realizar da melhor maneira possível sua prática em benefício do aluno.

Essas atitudes estão dentro das características de afetividade que o professor pode ter para com o aluno. Nessa perspectiva, Barbosa (2020) aborda que “[...] no relacionamento professor-aluno, a afetividade facilita o processo de ensino-aprendizagem, pois o forte vínculo afetivo dá à criança maior conforto e segurança nas suas construções”. Ao ser criado um vínculo afetivo nessa relação, o aluno vê o professor como alguém em quem pode confiar e vai se sentir com mais liberdade de procurar ajuda em momentos de dificuldades. No seu papel, o docente deve ter conhecimentos sobre como na fase da infância usar palavras de incentivos como elogios e valorização das conquistas do aluno vai desenvolver nele mais confiança em si próprio, fazendo com que esse discente desenvolva autoestima para desempenhar as atividades requeridas, facilitando o seu processo de aprendizagem, pois

O modo como os professores enxergam a criança é essencial para o sucesso da aprendizagem. Quando não julgam e procuram se aproximar do aluno, acreditam nele, observam seu comportamento e incentivam suas capacidades, ele tem tudo para crescer (CAVALCANTE, 2005. p. 54).

A partir disso, é necessário, ao pensar na palavra afeto no contexto escolar, ter consciência de que as atitudes de afetos que devem permear este ambiente na relação professor-aluno devem ser algo para além de abraços e beijos, como diz Gonçalves (2010, p 13-14):

No ambiente escolar, o professor tem que ser equilibrado emocionalmente, além de dar atenção ao aluno, deve se aproximar, elogiar, saber ouvir e

reconhecer seu valor, acreditando na sua capacidade de aprender e de ser uma pessoa melhor. Essas ações favorecem a afetividade no aluno. O professor proporciona segurança e respeito, na forma de expressar seus sentimentos. O carinho e a atenção é parte da trajetória na construção da aprendizagem mútua, sendo apenas o começo do caminho a ser percorrido pelo aluno no período de escolarização.

Cavalcante (2005, p. 56) também vem reforçar a ideia de que o afeto é para além de abraços e beijos quando diz que “o cuidado com o aluno vai muito além de dar um beijinho, elogiar e acarinhar. Muitas vezes o afeto é demonstrado de forma contrária: quando o professor é severo. Se ele é justo e chama a atenção de forma respeitosa, o aluno passa a admirá-lo e busca não decepcioná-lo”.

É possível ver que esse afeto também necessita ter limite, pois o professor afetivo deve usar sua afetividade de forma consciente, para que não atrapalhe sua relação ou desempenho do aluno em seu aprendizado ou até mesmo a sua autoridade em sala de aula, como explica Freire (1996 p. 52): “[...] o que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor no exercício de minha autoridade”. Neste caso, Freire refere-se ao professor não aceitar qualquer tipo de situação apenas porque é afetivo, e vale ressaltar que aqui a autoridade do professor não deve ser confundida com autoritarismo. A autoridade está ligada à liderança que o professor deve ter através de uma postura adequada para que os alunos compreendam e atendam as orientações dadas por ele.

Nota-se que um dos pilares da formação docente constitui na orientação e acompanhamento dos processos de aprendizagem dos educandos, incentivando-os para que desenvolvam de forma espontânea reconhecimento em relação ao saber como diz Freire (1996, p. 121); “Ninguém pode conhecer por mim, assim como não posso conhecer pelo aluno. O que posso e o que devo fazer, na perspectiva progressista em que me acho, são, ao ensinar-lhe certo conteúdo, desafιά-lo a que se vá percebendo na e pela própria prática, sujeito capaz de saber”, sabendo que podem contar com o apoio e incentivo do professor. Assim, afetividade não tem a ver com o professor ser “bonzinho” e deixar o aluno fazer o que quer, mas tem a ver com conduzir o aluno ao melhor caminho para que ele obtenha sucesso.

Como é possível observar é um conjunto de características que fazem parte de um perfil de professor afetivo, como o saber ouvir, observar o aluno de forma atenciosa, ter amor pela profissão que realiza, criar oportunidades para que os alunos se desenvolvam em seu processo de aprendizagem, fazer com que as aulas e atividades sejam mais prazerosas e significativas

para o aluno, dar incentivo através de palavras e atitudes para que o aluno se sinta confiante consigo mesmo e saiba que, se precisar, sempre pode contar com a ajuda do professor, ter uma postura perante a sala de aula para que assim possa ser visto como líder a quem os alunos têm como um exemplo a seguir, entre tantas e tantas outras características. Sendo assim, considera-se que o professor que trabalha, de forma afetiva ao criar laços com seus alunos, impulsiona-os ao sucesso de forma mais humanizada.

3 METODOLOGIA

O presente trabalho buscou entender como os professores caracterizam a afetividade no contexto do ambiente escolar e de que forma o olhar afetivo, por parte do docente, poderia ajudar a identificar se o aluno possui dificuldades em aprender ou se era acometido por algum distúrbio de aprendizagem, ao exemplo da dislexia, discalculia e TDAH que estão entre os mais diagnosticados. O trabalho voltou-se principalmente para o primeiro e o segundo ano do ensino fundamental, compreendendo que, identificar dificuldades ou transtornos nessa fase, pode ajudar o aluno a superar mais facilmente problemas de aprendizagem.

Trata-se de uma pesquisa de caráter exploratório, que é explicada por Gil (2008, p. 27): “as pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”. Neste caso, buscou-se, a partir do questionário, entender o que é educação afetiva, quais contribuições que o trabalho do professor nessa perspectiva pode trazer para o ensino-aprendizagem e como o olhar afetivo do docente possibilitaria ele conhecer melhor o aluno e assim fazer com que a aprendizagem pudesse ser mais satisfatória. Ainda de acordo com Severino (2013, p. 107): “a pesquisa exploratória busca apenas levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto”.

Quanto à abordagem de dados, se deu de forma qualitativa, que pode ser compreendida da seguinte forma:

Na abordagem qualitativa, o cientista objetiva aprofundar-se na compreensão dos fenômenos que estuda – ações dos indivíduos, grupos ou organizações em seu ambiente ou contexto social –, interpretando-os segundo a perspectiva dos próprios sujeitos que participam da situação, sem se preocupar com representatividade numérica, generalizações estatísticas e relações lineares de causa e efeito (GUERRA, 2014, p. 11)

Utilizou-se como técnica a análise de conteúdo, conforme Bardin (1977). No primeiro momento, esta pesquisa voltou-se à revisão literária, buscando textos em plataformas como SciELO e BDTD, utilizando o descritor “afetividade”, somado aos descritores “educação afetiva”, “relação professor-aluno” e “distúrbios e dificuldades de aprendizagem”, os textos foram baixados e escolhidos de forma atenciosa, a partir da leitura da introdução e/ou

conclusão, como foram realizadas também leituras de livros relacionados à afetividade tendo como base a teoria de Henri Wallon.

No segundo momento, foi voltado para a realização do questionário que de acordo com Gil (2008, p. 109):

“[...] técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado, etc. (GIL, 2008, p. 121)”

O questionário conteve questões referentes à temática, uma vez que é um caminho para conhecer qual a compreensão, no caso desta, dos professores em relação ao que entendiam por educar com afetividade e o que sabiam sobre distúrbios e dificuldades de aprendizagem, e como a partir do olhar afetivo do professor esses problemas relacionados à aprendizagem podem ser identificados com maior rapidez.

Por fim foi realizada a interpretação das respostas obtidas, onde buscou-se relacionar as informações dadas pelos professores com as ideias de autores utilizados na fundamentação teórica deste trabalho.

Ainda neste trabalho foi utilizada a “Pesquisa Focalizada”, a qual se pode destacar que:

“[...] O entrevistador permite ao entrevistado falar livremente sobre o assunto, mas, quando este se desvia do tema original, esforça-se para a sua retomada [...] este tipo de entrevista é bastante empregado em situações experimentais, com o objetivo de explorar a fundo alguma experiência vivida em condições precisas. (Gil, 2008, p. 112).

Desse modo, a pesquisa foi destinada aos professores que atuam nas escolas municipais de ensino infantil e fundamental na rede pública, localizadas em bairros periféricos da cidade de Cajazeiras, Sertão Paraibano. Essas escolas trabalhavam com a educação de crianças, do Pré I ao 5º ano. No total foram três escolas escolhidas para que a pesquisa pudesse ser realizada.

Buscou-se professores que passaram por alguma experiência com a identificação de problema de aprendizagem de algum aluno e se o impulso que tiveram nesta identificação foi ocorrido pela afetividade. Eles foram informados sobre do que se tratava a pesquisa e a relevância do tema para a educação. Os professores que aceitaram participar da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em duas vias. Os docentes também foram informados que a sua identidade seria preservada e que a pesquisa objetivava

analisar apenas suas concepções referente ao tema e assim o questionário foi entregue em folhas.

Para a realização do questionário foram apresentados documentos para que a gestora da escola e os participantes pudessem assinar. Um questionário foi elaborado, contendo 05 questões abertas, as quais o(a) professor(a) deveria responder relatando o que compreende sobre afeto e educação afetiva, se compreendem o que são distúrbios e dificuldades de aprendizagem e se entendem que a afetividade contribui para o ensino e a identificação de problemas na aprendizagem.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Participaram desta pesquisa 10 professores da rede pública de ensino da cidade de Cajazeiras – Paraíba, 9 eram do sexo feminino e 1 do sexo masculino, com faixa etária entre 31 e 60 anos. Todos tinham graduação, sendo quatro formadas em Pedagogia, três graduadas em Letras, sendo que uma delas também tem Médio Pedagógico, uma graduada em História, uma no Pedagógico Normal e um graduado em Geografia.

No que tange à formação escolar seis eram formadas na pós-graduação duas pessoas no ensino médio, duas na graduação, uma no mestrado. Quanto às áreas de pós-graduação, uma era graduada em psicopedagogia, uma psicopedagogia institucional, uma no estudo literário, uma na área da metodologia do ensino, uma em meio ambiente e quatro não informam. Já em relação ao tempo de experiência duas pessoas atuavam há três anos e oito atuavam há mais de dez anos.

Buscando conhecer um pouco do perfil pessoal dos participantes, em relação ao estado civil quatro estavam solteiras, quatro eram casadas, uma viúva e um estava em uma união estável. Destes participantes três possuíam apenas um filho, três tinham três filhos, três não informaram e um tinha dois filhos. Quando perguntado em relação a problemas de aprendizagem dos filhos, cinco participantes comunicaram que não tiveram filhos com problemas de aprendizagem, três não informaram, dois falaram que seus filhos apresentaram problemas de aprendizagem. Sobre quem identificou o problema de aprendizagem nos filhos duas pessoas disseram que elas mesmas identificaram e oito pessoas não informam. Já em relação aos problemas terem sido resolvidos duas pessoas disseram que sim e oito não responderam.

Buscou-se como objetivo geral do trabalho compreender como a afetividade docente contribui para identificar, encaminhar e solucionar problemas de aprendizagem em alunos do ensino fundamental. Para alcançar o objetivo geral, foi criado três objetivos específicos e com esses 5 questões referentes a esses objetivos.

A primeira pergunta foi: “Como você caracteriza a afetividade na relação professor-aluno?”, referindo-se ao primeiro objetivo específico “Conhecer qual o conceito de afetividade dos sujeitos especificamente na relação professor-aluno”. Os participantes expressaram suas opiniões de acordo com seus conhecimentos, de forma geral, eles compreendem a afetividade como algo positivo, considerando-a: por sete vezes como um “sentimento importante para

aprendizagem”; por cinco vezes citada como algo que “ajuda no convívio, tornando-o mais fácil e prazeroso”; três vezes descrita como “acolhimento frequente ao discente”; “extrapola os muros da escola” e “através do afeto é possível entender o aluno num contexto amplo” citado duas vezes; “é preciso mediar a afetividade com regras e responsabilidades”, “o afeto transmite segurança e confiança para o aluno”, “favorece a participação do discente” e “favorece na formação para a cidadania”, foi citado uma vez.

A partir das respostas apresentadas nesta questão, notou-se que os comentários sobre o afeto ser um sentimento importante, que ajuda no convívio e transmite segurança, harmonizam com o pensamento de Barbosa (2020), que diz: “[...] no relacionamento professor-aluno, a afetividade facilita o processo de ensino-aprendizagem, pois o forte vínculo afetivo dá à criança maior conforto e segurança nas suas construções”. Neste sentido, a afetividade traz contribuições que são importantes para a aprendizagem e o convívio, fazendo com que esse processo seja mais facilitado.

Já as respostas de que a afetividade extrapola os muros da escola, que é acolhimento e entender o aluno em contexto amplo, favorece na participação e formação para cidadania dialogam com os pensamentos de Oliveira ([2012], p. [3]), que fala que “[...] conhecer o aluno faz parte do papel desempenhado pelo professor pelo fato de que ele necessita saber o que ensinar, para que e para quem, ou seja, como o aluno vai utilizar o que aprendeu na escola em sua prática social”. Considera-se que, ao conhecer a realidade de seus alunos, o professor pode voltar o seu ensino para a realidade deles, como forma de contribuir para a sua formação tanto escolar como para além da escola.

Destaca-se também a resposta de um dos entrevistados que falou sobre a importância de medir a afetividade com regras e responsabilidades, comungando com os pensamentos de Cavalcante (2005, p. 56) que destaca que “o cuidado com o aluno vai muito além de dar um beijinho, elogiar e acarinhar. Muitas vezes, o afeto é demonstrado de forma contrária: quando o professor é severo. Se ele é justo e chama a atenção de forma respeitosa, o aluno passa a admirá-lo e busca não decepcioná-lo”, e Freire (1996 p. 52) que ressalta: “[...] o que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor no exercício de minha autoridade”, nessa questão medir o afeto tem a ver com o cuidado ao utilizar essa dimensão, pois ainda que seja algo bastante positivo, pode acabar atrapalhando caso não seja usado de forma consciente.

A segunda questão: “Você se considera um (a) professor (a) afetuoso (a)?” também está voltada para o primeiro objetivo específico. Todos os participantes afirmaram que sim, consideram-se professores afetuosos e apresentaram justificativas como: três vezes citado porque “transmitem segurança para o aluno” e “possuem empatia”; foram citados duas vezes “respeito”, “diálogo” e “escutar bem os alunos”; “preocupação com o emocional do aluno”, “estimular a aprendizagem”, “dar amor recheado de limites e responsabilidade”, “tratar e ser tratada bem”, “gostar de crianças”, “oferecer apoio”, “buscar fazer coisas que agrada os alunos”, “considerar que é algo importante para o convívio”, “estimular a autonomia do aluno” e “possuir interesse no sucesso dos alunos”, foram ditas apenas uma vez.

As justificativas sobre ser afetuosos por respeitar, se preocupar com o emocional do aluno, por gostar de tratar e ser bem tratada, gostar de criança e por ser empático dialogam com o que dizem autores como Almeida (1999, p. 102) “a escola e, principalmente, o adulto precisam conhecer o modo de funcionamento da emoção para aprender a lidar adequadamente com suas expressões. O professor deve permitir que a emoção se exprima, para o que é essencial entender como ela funciona para não entrar no circuito perverso, e, assim, dificultar o desenvolvimento emocional da criança”. Pode-se ver que essas características apresentadas ajudam de forma acolhedora ao aluno em momentos em que a emoção se apresenta, esse acolhimento cria laços de carinho entre esses sujeitos.

Ainda das explanações sobre se importar com o emocional do aluno dialoga com Almeida (2005) ao falar que diversas situações podem provocar variados tipos de emoção, e na sala de aula cabe ao professor dar um direcionamento a estas emoções de forma racional buscando sempre entender o aluno e também utilizar as emoções como facilitadora do processo de aprendizagem. Portanto, agindo assim o professor pode contribuir para que o aluno lide melhor com suas emoções, e utilize-as de forma positiva, o que demonstra preocupação e entendimento do educando.

Quanto à quantidade de argumentos das características como o estímulo à aprendizagem, oferecimento de apoio, transmissão de segurança, estímulo à autonomia do aluno e o interesse no sucesso dos alunos conversam com Freire (1996, p. 121) que diz: “Ninguém pode conhecer por mim, assim como não posso conhecer pelo aluno. O que posso e o que devo fazer, na perspectiva progressista em que me acho, são, ao ensinar-lhe certo conteúdo, desafiá-lo a que se vá percebendo na e pela própria prática, sujeito capaz de saber”.

As atitudes citadas, demonstram que o professor possibilita o aluno evoluir, pois o ajuda a desenvolver suas capacidades e autonomia, além disso, transmite segurança ao aluno e demonstra o interesse do docente em que o discente obtenha sucesso no seu desenvolvimento diante dos estudos. Quanto às seguintes características apresentadas, que são: atitudes de dialogar, escutar, fazer coisas que agrada os alunos e ser afetivo por considerar ser algo importante para a convivência assemelham-se ao pensamento de Vygotsky (1998) que considera o aluno como um sujeito ativo nas interações, assim, ter atitudes como estas, mostra que o professor compreende esse papel do aluno no desenvolvimento das aulas, considera suas opiniões e torna o convívio mais fácil através dessa interação. Em relação à abordagem que se considera afetivo por dar amor com limite e responsabilidade dialoga com Cavalcante (2005) que fala sobre usar a afetividade de forma justa, ou seja, de forma adequada e dialoga ainda com Freire (1966) que vem dizer que a afetividade não deve interferir na ética e na autoridade que o professor deve exercer.

A terceira pergunta desta pesquisa foi pensada com base no objetivo específico “identificar se o sujeito, a partir de um olhar afetivo, já passou pela experiência de perceber no aluno algum problema de aprendizagem”, no caso, ao falar em problemas, se os professores já identificaram dificuldades ou distúrbios de aprendizagem nos alunos, assim a questão é: “Você já identificou algum problema de aprendizagem em algum (uns) aluno (s)?”. A questão ainda pede aos sujeitos que “Se SIM, você resolveu sem ajuda de outros profissionais ou procurou encaminhar o (s) caso (s)?” em seguida que “Se você encaminhou o caso, por favor, descreva qual o caminho percorrido até a solução”.

Na questão “Você já identificou algum problema de aprendizagem em algum (uns) aluno (s)?”. Todos os sujeitos informaram que já identificaram algum problema de aprendizagem. De acordo com a psicóloga Braga do Canal Desenvolvimento Saudável (2018), os problemas podem ser diferenciados como dificuldades de aprendizagem, que podem acontecer devido a fatores externos ao aluno, e distúrbios de aprendizagem, que são causados quando algo não funciona corretamente no sistema neurológico da criança, sendo assim algo intrínseco.

Na questão seguinte “se sim, você resolveu sem ajuda de outros profissionais ou procurou encaminhar o (s) caso (s)?”, cinco participantes informaram que foi preciso encaminhar o caso, desses cinco um informou ainda que houve caso em que não foi necessário encaminhar e uma pessoa outra pessoa também informou que não encaminhou, duas pessoas

não informaram, um informou que resolveu sozinho e houve uma variante de um dos participantes que respondeu apenas “concentração”.

Na questão “Se você encaminhou o caso, por favor, descreva qual o caminho percorrido até a solução”, os sujeitos responderam:

Suj. 1: Não informou.

Suj. 2: Identificação da dificuldade; Encaminhamento para profissionais especializados; Adaptação das atividades conforme orientações.

Suj. 3: Comunicou ao pais com a sugestão de buscar ajuda de profissionais especializados.

Suj. 4: Comunicou ao pais com a sugestão de buscar ajuda de profissionais especializados.

Suj. 5: Não informou.

Suj. 6: Comunica a coordenação pedagógica e pede apoio a psicopedagoga; Desenvolve metodologias que possam melhorar a aprendizagem do aluno (criação de materiais específicos); Pede apoio a família.

Suj. 7: Não informou.

Suj. 8: Identificação da dificuldade; Modifica a metodologia; Encaminhamento para profissionais especializados; Adaptação das atividades conforme orientações.

Suj. 9: 1º Diagnóstico; 2º conversar com a coordenação pedagógica; 3º Encaminhar para a sala de atendimentos; 4º Atendimento com a psicopedagoga (aluno e pais); 5º Diagnóstico da psicopedagoga; 6º Sentar com a coordenação, psicopedagoga e pais para traçar estratégias/metapas para ajuda-los; 7º Trabalhar em conjunto (escola/família) para que a criança avance.

Suj. 10: Identificação do problema; Envio para salas especiais (estas não resolvem e não ajudam a resolver o problema); Os professores buscam por conta própria a resolução do problema.

Foram 7 os professores que descreveram o caminho que seguiram e três professores não informaram sobre o que foi perguntado. Nota-se que quando identificado o caso de problemas de aprendizagem, os professores buscaram incluir outros membros componentes da escola,

como também os pais dos alunos, e caso fosse necessário buscavam ajuda de um profissional especializado para que o diagnóstico pudesse ser feito. As respostas dos sujeitos 2, 3, 4, 6, 8 e o 9 dialogam com o que diz Osti (2012):

[...] deve ser feito por uma equipe interdisciplinar envolvendo o médico da criança, um pedagogo, psicólogo, psicopedagogo, terapeuta, envolvendo também o professor e a família. Somente através de uma anamnese realizada com a família da criança, caracterizando a queixa apresentada pelo professor, fazendo um exame clínico que procure investigar possíveis disfunções neurológicas no sistema nervoso central, uma avaliação psicopedagógica que identifique o nível e as condições de aprendizagem dessa criança e de um exame psicológico objetivando analisar características pessoais, patologias, é que será possível ter a certeza e comprovar uma dificuldade de aprendizagem ou um distúrbio de aprendizagem (OSTI, 2012, p. 56).

É possível notar que o diagnóstico só pode ser realizado por profissionais especializados e a colaboração de membros da escola e da família também são consideradas importantes. Quando realizado de forma adequada, o acompanhamento à criança com problema de aprendizagem, esta possui mais condições de superá-los.

Quanto a resposta do sujeito 10 se assemelha ao pensamento de Pereira *et al.* (2021) que fala sobre a necessidade de o professor criar condições para que possa acontecer de forma facilitada a aprendizagem do aluno, a busca por atividades adequadas de acordo com o problema que o aluno apresenta, seja para os casos de dificuldades ou os casos de distúrbios.

A quarta questão voltou-se para o terceiro e último objetivo específico “Analisar se os sujeitos consideram que a afetividade do docente para com os alunos é um fator fundamental para identificação de problemas de aprendizagem” e a questão pedia: “Por favor, descreva como a afetividade docente favorece o ato de ensinar”. As respostas apresentadas foram: “Favorece o desenvolvimento intelectual”, “contribui para a boa relação na sala de aula” e “proporciona inovação e desperta o interesse do aluno pelas aulas”, foram citadas cinco vezes; “estimula o desenvolvimento pleno”, “transmite sentimentos positivos (amor, segurança, autoestima)” e “torna a aprendizagem prazerosa” ditas por três vezes; “exemplo de ações positivas” e “influencia a construção de identidade e de valores”, mencionadas duas vezes; “desenvolve habilidades (cognitivas e sócioemocionais)”, citado apenas uma vez.

Percebe-se que essas respostas dialogam com as ideias de Antunes (2007, p.12, Apud SILVA, 2013) ao dizer que “os laços entre alunos e professores se estreitam e, na imensa proximidade desse imprescindível afeto, tornou-se importante descobrir ações, estratégias, procedimentos sistêmicos e reflexões integradoras que estabeleça vínculos”. Os professores que

que trabalham a partir da afetividade podem possibilitar com que a aprendizagem ocorra de forma dinâmica e prazerosa aos estudantes, incentivando-os a partir de metodologias inovadas a desenvolverem tanto a afetividade como também outras dimensões da formação humana. Eles dialogam também com Pereira e Gonçalves (2010, p. 13-14) que aborda:

No ambiente escolar, o professor tem que ser equilibrado emocionalmente, além de dar atenção ao aluno, deve se aproximar, elogiar, saber ouvir e reconhecer seu valor, acreditando na sua capacidade de aprender e de ser uma pessoa melhor. Essas ações favorecem a afetividade no aluno. O professor proporciona segurança e respeito, na forma de expressar seus sentimentos. O carinho e a atenção é parte da trajetória na construção da aprendizagem mútua, sendo apenas o começo do caminho a ser percorrido pelo aluno no período de escolarização.

A partir dessa citação, compreende-se, a importância do ato da docência desde a forma de ensinar como a maneira de como o docente trata os educandos. A partir de uma interação positiva e incentivos, o professor oportuniza que o aluno consiga vencer suas dificuldades e aprender de forma mais significativa.

A quinta e última questão “Por favor, descreva como a afetividade docente favorece à aprendizagem do aluno”, volta-se também para o terceiro objetivo específico. Respondendo essa pergunta, foi citado: “motiva o aluno”, “traz contribuições para a aprendizagem” e “favorece a confiança”, ditas por cinco vezes; “torna a aprendizagem significativa e prazerosa”, citada três vezes; “favorece a aproximação”, dito por duas vezes; “favorece o desenvolvimento da responsabilidade”, “minimiza problemas”, impulsiona o desenvolvimento pleno” e “aprendem a se desenvolver na realidade da convivência”, mencionados uma vez.

As respostas apresentadas pelos participantes dialogam com Barbosa (2020) que destaca: “no relacionamento professor-aluno, a afetividade facilita o processo de ensino-aprendizagem, pois o forte vínculo afetivo dá à criança maior conforto e segurança nas suas construções”. Percebe-se que a afetividade faz com que haja aproximação e troca de bons sentimentos entres esses sujeitos, onde o professor vai buscar formas de ajudar o aluno a se desenvolver de forma integral, ou seja, cognitivo, motor e afetivo, como ressalta Wallon na Psicogênese da pessoa completa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espaço que a afetividade vem alcançando ao se tornar cada vez mais um assunto debatido entre teóricos e educadores reflete a evolução pela qual passa a educação, pois, nem sempre essa dimensão esteve tão presente e forte nas discussões, bem como os problemas relacionados à aprendizagem também vem sendo palco de discussões e a compreensão de que um trabalho realizado em conjunto com professores, demais funcionários do ambiente escolar e equipe especializada mostra as significativas contribuições que esse trabalho realizado em equipe pode trazer para o desenvolvimento do aluno.

Esta pesquisa buscou conhecer o pensamento dos professores das escolas públicas da cidade de Cajazeiras-PB acerca da afetividade, a fim de compreender como essa dimensão é trabalhada por estes educadores, como pode beneficiar o ensino e ajudar alunos com problemas de aprendizagem. A abordagem qualitativa possibilitou o aprofundamento do tema estudado e os dados puderam ser obtidos através de uma pesquisa de campo realizada com dez professores de três escolas da rede municipal de ensino da referida cidade.

Ao buscar compreender se a afetividade, de fato, é uma dimensão importante para a identificação e solução de problemas de aprendizagem no ensino fundamental, sendo este o objetivo geral desta pesquisa, foram definidos três objetivos específicos. O primeiro objetivo específico foi conhecer qual o conceito de afetividade dos sujeitos especificamente na relação professor-aluno, a respeito desse objetivo específico obteve-se respostas onde os pesquisados consideraram a afetividade como um sentimento importante, facilitador das relações na sala de aula, que transmite segurança e confiança, também que precisa ser mediada com regras e responsabilidades.

O segundo objetivo específico foi identificar se o sujeito, a partir de um olhar afetivo, já passou pela experiência de perceber no aluno algum problema de aprendizagem, e neste caso, notou-se que os professores já passaram pela experiência de ter em sala de aula alunos com problemas de aprendizagem, onde eles, para ajudar o aluno, tiveram atitudes de identificar o problema, informar aos outros componentes da escola, aos pais e também a profissionais mais especializados, nos casos de distúrbios de aprendizagem.

O terceiro e último objetivo específico foi analisar se os sujeitos consideram que a afetividade do docente para com os alunos é um fator fundamental para identificação de problemas de aprendizagem. É visto com esse objetivo que estes sujeitos consideram sim, que

a partir de um olhar afetivo, é possível perceber se o aluno possui dificuldades ou distúrbios que dificultam o aluno aprender, como também através de atitudes de afetividade o professor transmite segurança e estímulo para que o aluno consiga se superar.

Portanto, espera-se que a leitura deste trabalho possa auxiliar o conhecimento sobre a importância e o funcionamento da afetividade no ambiente escolar, bem como esta dimensão pode trazer contribuições para a identificação de dificuldades e distúrbios que possam prejudicar o aprendizado do aluno. Cultivar a afetividade na relação entre educador e educando pode tornar o ambiente da sala de aula mais prazeroso, aumentar a autoestima e segurança do aluno, contribuindo para o seu crescimento estudantil, bem como pode trazer inovações para as aulas, fazendo com que o aluno desenvolva interesse pelos estudos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. R. S. – A afetividade no desenvolvimento da criança. **Inter-Ação: Rev. Fac. Educ. UFG**, 33 (2): 343-357, jul./dez. 2008
- ALMEIDA, L. R. de; MAHONEY, A. A. (Org.). **Afetividade e aprendizagem: contribuições de Henri Wallon**. São Paulo: Loyola, 2007.
- ALVES, L. **Relacionamento Professor X Aluno**. Disponível em: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/etica/relacionamento-professor-x-aluno.htm>. Acesso em: 22 fev. 23.
- ANTUNES, C. **Relações Interpessoais e a autoestima: a sala de aula como espaço de crescimento integral**. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARBOSA, E. dos S. Afetividade no processo de aprendizagem. Revista **Educação Pública**, v. 20, nº 41, 27 de fevereiro de 2023. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/41/afetividade-no-processo-de-aprendizagem>
- CANCIAN, Q. G.; MALACARNE, V. **Diferenças entre dificuldades de aprendizagem e transtornos de aprendizagem**. In: Congresso Internacional de Educação da FAG, 2., 2019, Cascavel - Pr. **Anais [...]**. Cascavel - Pr: Mercado de Letras, 2019. p. 1-12. Disponível em: <https://www.fag.edu.br/novo/pg/congressoeducacao/arquivos/2019/DIFERENCAS-ENTRE-DIFICULDADES-DE-APRENDIZAGEM-E-TRANSTORNOS-DE-APRENDIZAGEM.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2023.
- CAVALCANTI, B. A. P. **Percepções dos alunos sobre a afetividade nas aulas de inglês de Ensino Médio de uma escola técnica**. HOLOS, Natal, v. 4, p. 512-520, 2014. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/979>. Acesso em: 22 março de 2023.
- CAVALCANTE, M. Como criar uma escola acolhedora. **Nova Escola**, São Paulo: abril, n. 180, p. 51-57, março 2005.
- COELHO; M. T. C. de. As Relações entre Afetividade e Inteligência no Desenvolvimento Psicológico1. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 249-254, abr./nov. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/byCS7FDbNwLSZZNRmBSvdJD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 mar. 2023.
- DANTAS, H.; LA TAILLE, Y.; OLIVEIRA, M. K. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.
- DÉR, L. C. S. (2004). **A constituição da pessoa: a dimensão afetiva**. In A. A. Mahoney, & L. Almeida (Orgs.), *A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon* (pp. 61-75). São Paulo: Edições Loyola.

DESENVOLVIMENTO SAUDÁVEL. **Dicas para saber a diferença entre dificuldades e transtorno de aprendizagem.** YouTube, 13 Jun. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=Ej78fb_DTGY&t=40s > Acesso em: 17 Abril 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FERREIRA, A. L.; ACIOLY-RÉGNIER, N. M. **Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação.** Educar, Curitiba, v. 1, n. 36, p. 21-38, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/9jbsbrcX4GygcRr3BDF98GL/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 mar. 2023.

GALVÃO, I. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento Infantil/Izabel Galvão** 23. Ed. – Petrópolis, RJ, Vozes, 2014, p. 41-61

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUERRA, E. L. de A. Técnicas para análise de dados qualitativos. In: GUERRA, Elaine Linhares de Assis. **Manual pesquisa qualitativa.** Belo Horizonte: Grupo Ânima Educação, 2014. p. 1-52. Disponível em: < <https://docente.ifsc.edu.br/luciane.oliveira/MaterialDidatico/P%C3%B3s%20Gest%C3%A3o%20Escolar/Legisla%C3%A7%C3%A3o%20e%20Pol%C3%ADticas%20P%C3%BAblicas/Manual%20de%20Pesquisa%20Qualitativa.pdf> >. Acesso em: 25 mar. 2023.

LA TAILLE, Y. de 1951- **Piaget, Vygotsky, Wallon: psicogenéticas em discussão/ Yves de La taille; Marta khol de Oliveira, Heloysa Dantas-** São Paulo: Summus, 1992.

MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. de. **Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon.** Psicologia da Educação, São Paulo, p. 1-20, 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n20/v20a02.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2023.

MEDEIROS, M. F. O papel da afetividade na relação professor e aluno e suas implicações na aprendizagem. **Revista On Line De Política E Gestão Educacional,** Araraquara, p. 1165–1178, 2017.

OLIVEIRA, P. S. **A relevância da afetividade nos processos de aprendizagem.** 2018. 116 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Departamento de Psicologia - Puc-Rio, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/35078/35078.PDF>. Acesso em: 23 mar. 2023.

OLIVEIRA, S. C. T. **Educação Pré-Escolar: um lugar de afetos inclusivo.** 2016. 121 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências da Educação: Educação Especial, Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2016. Cap. 4. Disponível em: https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/6023/1/DM_Sandra%20Oliveira.pdf. Acesso em: 23 mar. 2023.

OSTI, A. **Dificuldades de aprendizagem, Afetividade e Representações Sociais: reflexões para a formação docente.** Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

PEREIRA, M. J. de A.; GONÇALVES, R. **Afetividade: Caminho para a Aprendizagem**. Revista Alcance, Rio de Janeiro, v. 01, p. 12-19, 2010. Disponível em: http://www.seer.unirio.br/index.php/alcance/art_icle/viewFile/669/625. Acesso em: 20 abril 2023.

PEREIRA, V. A.; JESUS, D. S. DE; CATARINO, E. M.; PEREIRA, T. C. B. Dificuldades de Aprendizagem no Contexto Escolar: Possibilidades e Desafios. **Revista Científica Novas Configurações** – Diálogos Plurais, Luziânia, v. n. 2021. DO

RODRIGUES, S. A.; GARMS, G. M. Z. **O lugar da afetividade no ambiente de aprendizagem: desafio da prática docente**. 2021. 15 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Fct/Unesp, De Várzea Grande, Mato Grosso, 2021. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/download/450/328/1184>. Acesso em: 11 mar. 2023.

SALTINI, C. J.P. **Afetividade e inteligência**. Rio de Janeiro: DPA, 1997.

SEVERINO, A. J. CAPÍTULO III. TEORIA E PRÁTICA CIENTÍFICA. Severino, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 1. ed. -- São Paulo: Cortez, 2013. Disponível : https://www.ufrb.edu.br/ccaab/images/AEPE/Divulga%C3%A7%C3%A3o/LIVROS/Metodologia_do_Trabalho_Cient%C3%ADfico_-_1%C2%AA_Edi%C3%A7%C3%A3o_-_Antonio_Joaquim_Severino_-_2014.pdf. Acesso 5 mar. 2023

SILVA LEITE, S. A. da. **Afetividade nas práticas pedagógicas**. Temas em Psicologia, vol. 20, núm. 2, diciembre, 2012, pp. 355-368. Sociedade Brasileira de Psicologia, Ribeirão Preto, Brasil

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

VYGOTSKY, L. S. (1998). **O desenvolvimento psicológico na infância**. São Paulo: Martins Fontes.

WALLON, H. **Do ato ao pensamento: Ensaio a psicologia comparada**. Petrópolis: Vozes, 2008.

ANEXOS

EMEIEF GALDINO PIRES FERREIRA

Rua Drº Vicente Leite, nº109, Capoeiras-Cajazeiras-PB-CEP: 58900-000

COLETA DE DADOS PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA CIENTÍFICA TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

AUTORIZAÇÃO

Eu, Rejane Bezerra de Souza, gestora da Galdino Pires Ferreira, autorizo a coleta de dados nesta instituição, para a pesquisa intitulada *“Importância da afetividade na identificação de problemas de aprendizagem no ensino fundamental,”* vinculada ao Curso de Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, que tem como pesquisador responsável e orientador o Dr. José Rômulo Feitosa Nogueira e como graduanda responsável pela coleta de dados a aluna Raquel Santos Mourão.

Cajazeiras – PB, 24 de novembro de 2022.



Rejane Bezerra de Souza

Rejane ~~Bezerra~~ Souza
GESTORA

PORTARIA Nº SE.021.2021.DIR

Secretaria de Educação e Cultura
EMEIEF José Leite Rolim
Município de Cajazeiras-PB
RECONHECIMENTO - RBE Nº 001/2005

EMEIEF JOSÉ LEITE ROLIM

Rua Antônio Fernandes da Silva 225, Vila Nova I.-Cajazeiras-PB-CEP: 58900-000

COLETA DE DADOS PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA CIENTÍFICA TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

AUTORIZAÇÃO

Eu, Geralda Gabriel da Silva, gestora da EMEIEF José Leite Rolim, autorizo a coleta de dados nesta instituição, para a pesquisa intitulada *“Importância da afetividade na identificação de problemas de aprendizagem no ensino fundamental,”* vinculada ao Curso de Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, que tem como pesquisador responsável e orientador o Dr. José Rômulo Feitosa Nogueira e como graduanda responsável pela coleta de dados a aluna Raquel Santos Mourão.

Cajazeiras – PB, 24 de novembro de 2022.



Geralda Gabriel da Silva
Gestora

Geralda Gabriel de Freitas
Gestora
Portaria Nº SE. 018.2021. DIR

E.M.E.I.E.F. COSTA E SILVA

Av. Severino Cordeiro, 186, Jardim Oasis-CEP: 58900-000

**COLETA DE DADOS PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA CIENTÍFICA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO****AUTORIZAÇÃO**

Eu, Edna Aureliana Carvalho Soares, gestora da E.M.E.I.E.F. Costa e Silva, autorizo a coleta de dados nesta instituição, para a pesquisa intitulada "*Importância da afetividade na identificação de problemas de aprendizagem no ensino fundamental,*" vinculada ao Curso de Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, que tem como pesquisador responsável e orientador o Dr. José Rômulo Feitosa Nogueira e como graduanda responsável pela coleta de dados a aluna Raquel Santos Mourão.

Cajazeiras – PB, 24 de novembro de 2022.



Edna Aureliana Carvalho Soares
Gestora



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, S/N, Casas Populares, Cajazeiras - PB
 CEP: 58.900.000 - Fone: (83) 3532-2000

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
COMO PROFESSORES PERCEBEM A INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE
DOCENTE PARA IDENTIFICAR, ENCAMINHAR E SOLUCIONAR
PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM EM ALUNOS DO ENSINO
FUNDAMENTAL.

Você está sendo convidado (a) a participar de maneira voluntária em uma pesquisa que analisa a representação de professores sobre a importância da influência da afetividade docente para identificar, encaminhar e solucionar problemas de aprendizagem em alunos do ensino fundamental. Após ler as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento que está em duas vias, uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Mesmo assinando, você é livre para desistir a qualquer momento.

1. **Qual o objetivo desta pesquisa?** Conhecer como docentes do Ensino Fundamental Anos Iniciais percebem a influência da afetividade docente para identificar, encaminhar e solucionar problemas de aprendizagem em alunos do ensino fundamental
2. **Quais os critérios para participar?** Você deve ter idade igual ou maior que 18 anos e precisa ser professor (a) que exerce ou já exerceu atividade docente no Ensino Fundamental Anos Iniciais por um período mínimo de três anos.
3. **O que acontecerá neste estudo?** O estudo será realizado através da aplicação de questionário autoaplicável com duração aproximada de 30 minutos. Após ser respondido e devolvido, ele será lacrado em um envelope sem identificação.
4. **Quais as implicações em participar deste estudo?** A sua colaboração neste estudo poderá contribuir para que os professores percebem a importância a influência da afetividade docente para identificar, encaminhar e solucionar problemas de aprendizagem em alunos do ensino fundamental. Com isso, abrir novas possibilidades da realização de outras pesquisas na área e de sugestões para aplicação das brincadeiras no ambiente escolar.
5. **Quais os inconvenientes em participar deste estudo?** Este projeto não acarretará e nem haverá qualquer tipo de benefício financeiro para que você participe dele. O pesquisador e o seu orientador também não serão remunerados.
6. **Quais os riscos e as garantias ao participar deste Estudo?** O único risco que este projeto oferece aos seus participantes é o de identifica-lo, porém, as informações serão tratadas confidencialmente. O consentimento, contendo seu nome, será arquivado separadamente do questionário, o qual não lhe identifica nominalmente. Os dados serão tratados de forma coletiva.
7. **Esclarecimentos.** Em caso de dúvidas você pode falar com qualquer um dos pesquisadores: Dr. José Rômulo Feitosa Nogueira, UAE/CFP/UFCG, pelo tel.: (83) 9-9809-8038 e com a pesquisadora, Raquel Santos Mourão pelo telefone (83) 9-9375-7276

CONSENTIMENTO

Eu _____,
 RG n.º _____ Órgão Expedidor _____ UF _____, ou CPF
 n.º _____, abaixo assinado (a), maior de 18 anos, concordo em participar
 do presente estudo como sujeito. Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pela pesquisadora
 Raquel Santos Mourão sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos.

Cajazeiras ____ de _____ de 2022.

Assinatura – participante: _____

Assinatura – pesquisador: _____

APÊNDICE



Universidade Federal
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores
Unidade Acadêmica de Educação
Campus de Cajacara - PB



Caro professor (a), estou grata pela sua disponibilidade para participar desta pesquisa, sobre *“como professores percebem a influência da afetividade docente para identificar, encaminhar e solucionar problemas de aprendizagem em alunos do ensino fundamental.”* O objetivo deste questionário é coletar suas respostas sinceras e diretas para as questões propostas, lembramos ainda que sua identidade será mantida em sigilo, portanto, não será necessário colocar seu nome. Mais uma vez, obrigada pela sua colaboração!

Raquel Santos Mourão

QUESTIONÁRIO

Sobre o seu perfil, por favor, responda as questões abaixo, conforme as sugestões, assinalando com um X e complementando aquelas que forem pertinentes.

Sexo: () Feminino;
() Masculino.

Idade: _____ anos

Graduação em: _____ **Ano:** _____

Formação escolar: () Ensino Médio;
() Graduação;
() Pós-graduação, qual? _____

Tempo experiência docente: () Três anos
() Entre 4 e 6 anos
() Entre 7 e 10 anos
() Acima de 10 anos

Estado civil: () Solteiro (a)
() Casado (a) – e habita com o (a) companheiro (a)
() Outro. Qual? _____

Tem filhos: () Sim () Não

Se SIM, quantos? _____

Se SIM, algum dos filhos já passou por problema de aprendizagem?
() Sim () Não

Se SIM, quem identificou, você ou outra pessoa?
() Eu () Outra pessoa

Se SIM, foi resolvido ou o problema ainda permanece?
() Sim () Ainda permanece



A series of horizontal lines for writing, consisting of approximately 25 lines spaced evenly down the page.